

NO PORTO DE CONSTANTINOPOLIS

7520  
RUBIN

## A NAU

Ah! era, um dia, sobre o verde oceano, um navio, sem velas, no mar mouro. Em torno de mim, vagas e diferentes naus fluctuavam; eu, preso a uma, sacudia-me, com o balanço que as ondas faziam.

Trabalhadores evadiram-me.

Dia e noite, o mortello batia; construíram no meu bojo varios compartimentos dividiram-me; depois fincaram no meu peito mastros enormes, especies de cruzeiros; pintaram-me fizeram-me garida e, a pouco e pouco, fui-me sentindo afundar nas aguas calmas.

Um dia pela manhã homens armaram-me; abriram pannos em todas as vergas, teceram teias negras de cabos e crenças e subiu um tropel de marinheiros invadindo e ouvi então, pela primeira vez, a canção da saudade.

Era forte e formosa — tinha dentes de aço e o echo retumbante da minha voz era repetido pelos ares, longa e demoradamente — meu grito matava, meu lucto era de fumo espesso.

Uma madrugada, senti que alguma coisa me repelia; eu tinha as velas pando e lentamente fui abrindo o mar pacifico, sereno e romanesco.

Dentro de mim, pulpitava, com o constante tan tan meu formidavel coração de ferro.

§

Que bello dia da partida!

Passei por entre alas de outras naus, orgulhosa como uma rainha, e fui-me fazendo ao largo. Ao cabir da noite deusa, achei-me entre estrellas e aguas revoltas.

O oceano já não era o mesmo. Ondas cuspiam-me, ventos insultavam-me; a marujá, na fúria, não parava e achei-me so, completamente so, na solidade trista, sôma de um mar tempestuoso.

De vez em vez, uma ilha apparecia, porém o vento inclinando as velas, e um reluzido que os homens consultavam faziam-me torcer involuntariamente o rumo. Ando no mar, ha muito tempo, velejando, velejando sempre, ancorando um dia num porto bonançoso, surgindo, ás vezes, em terriveis barras — entretanto, a agulha sempre a mostrar o Norte e a voz do comandante sempre — avante!

Tempestades me tem desmantellado, ventos passam por mim rasgando as velas, morrem marujos de fadiga, outros deixam n'os ficar na esteira branca que vou deixando no caminho verde. Não sei para onde sigo... Avante! Avante sempre!

Mai sino de um porto, outro procura-o e ninguém mais pensa em mim. Buscam-me as tempestades e, ás vezes tendo visto andando, sinto saudade d'aquelle mar quieto e tão verde, onde dividurante tanto tempo, armado-me para tão longa travessia.

E não poder tornar a quilha desarmada, pensando o que pensava: — que o oceano era como a mansa bahia onde me fiz então fonte e que as tempestades eram feitas com as brisas que me balançavam.

Hoje, que sou? pobre nau carregada — deixando morto pelo caminho e tomando em cada porto um lardo novo e sem te a canibal, velas ao vento, para o Norte fatal, de onde nenhuma embarcação voltou jamais.

§

Como a nau da ballada, eu tambem, cheio de aspirações, com as velas da esperança cheias, depois de me julgar bastante forte, fiz-me atrevidamente ao largo.

Furos do oceano do caminho como vos três formosões em vaillhões de male!

Crenças, marujá d'alma, como vos deixamos fôra na esteira de lagrimas — umito dentro da nossa rapida passagem!

Porto, da phantasia porque nos cartegals a alma de illuções, para que, na hora de tempestade, aligemol-as todas no vortice das falsidades e dos desenganos!

Sig'ram em o rumo fatal — o Norte e a meu tempo.

O Noite, o eterno paz onde a esperança não desbrocha amoras, onde não ha sonhos, onde não ha bellos; o eterno paz da sombra, silencioso e opaco, com compensação, ninguém mais sofre.

Para lá que caminho, por esse mar de procella, levado pelas tempestades de todas as agonias e de todas as desesperanças!

COLLETT NETTO

## Schopenhauer depois de morto

Publicou-se em Paris um novo tomo dos contos medidos do celebre Guy de Maupassant.

A semelhança do livro, tambem de contos, publicado no verão passado, o *Père Melon*, esta nova obra de Maupassant, tem por titulo o do primeiro dos contos que formam o volume. Intitula-se *Le Controleur*.

Os contos não estão todos acabados. Alguns são apenas esboços.

Entre esses contos não concluídos ha um, *Après la mort*, que é no genero das estranhas, e ja um pouco delirantes narrações do auctor de *Beauté de Sully*, que occupa na litteratura franceza um logar eminente, a par de Bazais de Daudet, dos Goncourt.

*Après la mort*, é a narraçáo dos ultimos momentos do celebre philosopho, allemão Schopenhauer, hoje tão em moda na França pelo seu pessimismo.

Esse conto conclue assim:

«Velavam o cadaver de Schopenhauer dous dos seus amigos mais intimos. O philosopho estava como que adormecido, com a sua habitual expressáo de angustia. A bocca aberta parecia sorrir, com o sorriso

em que se delirava uma das puellas suas famosas pituases contra a vida: «Cada ser que vem ao mundo comete um attentado contra a Humanidade, porque só serve para perpetuar a dor na especie.»

Os dous amigos fallavam da vida do auctor do *Mundo como vontade e como representação*, quando se foi apoderando d'elles, a pouco e pouco, a obsessáo de que o morto ia dirigi-lhes a palavra.

Tomaram um dos crios que alumavam e passaram a outra sala, de onde viam o cadaver.

De repente os cabellos eriçaram-se-lhes de espanto, e os dous sentiram fôr, um terror grande, muito grande.

Uma coisa branca, sahia da bocca de Schopenhauer, deslizava pela mortalha e olava para o chão produzindo um ruido que lhes pareceu tremendo, n'aquelle recinto silencioso e funebre.

Sim, estavam seguis os de ter visto e m os seus proprios olhos. Não era illusão. Visto que o delunto e inovia, tambem podia falar.

Is fazendo das tripas coração entraram na camara mortuaria.

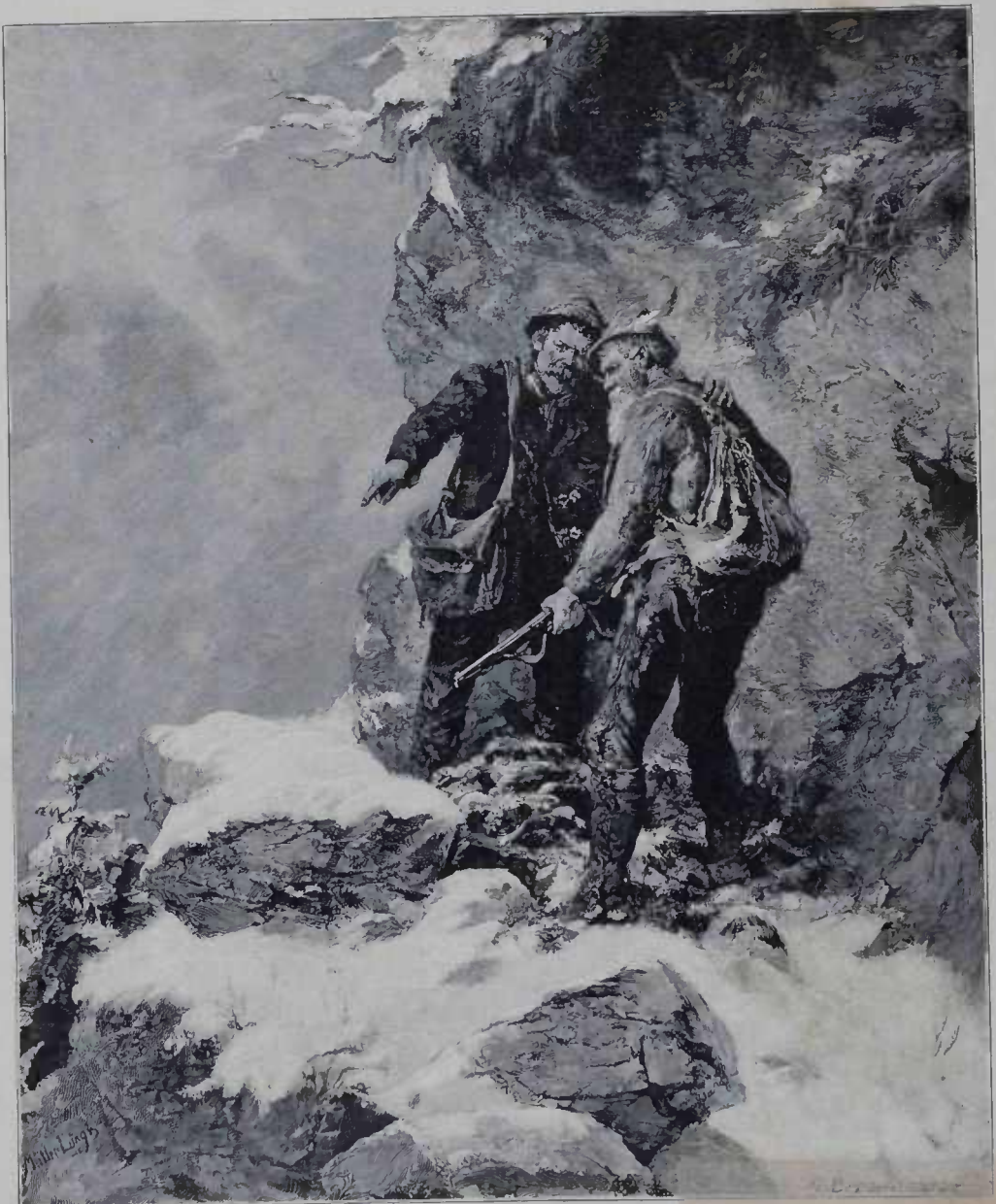
Schopenhauer já não sorria. A bocca fechara-se e nas faces cravaram-se duas enormes covas.

Um dos amigos abaixou-se procurando o objecto cahido, a causa do seu terror. E sem pronunciar uma palavra tocou no braço do outro.

Alli, no chão, branca, muito branca, e aberta como para morder, estava a dentadura postiga de Schopenhauer.

A decomposição cadaverica fizera a saltar, comprimido e reduzindo as mandibulas.

Era a ultima palavra, macabra, do egregio philo-opho, que ainda depois de morto foi um grande mystificador!



# A escada de Jacob

Dezinhos de pois de a mais tomou o século  
 No qual da Humanidade a marcha começou  
 — Profunda abysmo crebro em nova espessa, tumbida.  
 Eis onde o ser humano a vida começou!

Era o porvir montanha tenebrosa que do baratro  
 No incompreheensivel cahos tinha firmado o pé,  
 E, pita o estajo tundo e aguda, com o pincello  
 Penetra o céu, lá onde a luz perpetua é.

Ignal a bolha de ar, que do oceano no amago  
 Permanece: não pode e solte d'agua a flôr.  
 Assim o homem, oppresso em escuridão tão horrida,  
 Buscou subir, tateando, a procurar o alvor.

E, a propeção que andava, a treva desfazia-se;  
 E, quanto mais subia, andava mais veloz...  
 E menos tãdígosa essa ascensão tornava-se,  
 Porque ia melhor vendo os obices e os pios.

Oh! quanto ha ja subido a Humanidade intepida!  
 A pos de si que immensa estrada ja deixou!  
 Nem ja podemos nós, da historia ao facho lucido,  
 Descortinar o ponto onde ella começou!

Atraz, que escuridão vai se alongando tetrica!  
 Aonde chegamos ja, que reluzente luz!  
 Do livro do Universo as luminosas paginas  
 O homem a manusea e phrases mil traduz!

Mas... adiante, além, do monte no pinaculo  
 A luz, que de la desce, a veja em clarão!  
 A vante! que bonos inda a decifrar incognitas,  
 Que aos nossos olhos, hoje impenetraveis são.

A vante! a vante sempre! Ao infinito arrije-se!  
 A Humanidade, e atinja os pãramos dos ceus!  
 Conquiste niterra a paz da ancia do seu espirito  
 No eterno rependa do serapenteo Deus!

VICTOR A. VIEIRA.

# O vinho e as camelias

Conta-se, de um jornal portuguez, que um dos  
 nossos illustres poetas, hoje tãd entregue a advocacia  
 a uma das primeiras cidades da provincia, tentara em  
 tempo, na sua phase da vida bohemia, irrigar um  
 mangeco com vinho.

A principio a planta mostrou-se agradecida; mas  
 o poeta abusou do modico e foi um dia encontrar o  
 mangericco doente, ate que o viu murchar, pender,  
 finar-se.

O patife morreu de beado! — exclamãra o  
 poeta.

Recordamos a anedocta, para observar que não  
 tem grande originalidade a idea, que nos traz uma re-  
 vista estrangeira, de submeter as camelias a um re-  
 gimen similhante ao que o nosso poeta ensaiou.

Vejam, em todo o caso, em que consiste o pro-  
 cesso.

Entre as exigencias da japonica, logo depois das  
 que se relacionam com as condições do terreno e do  
 clima, vem as regias. A folhagem abundante e persis-  
 tente produz uma notavel transpiração, que deve ser  
 compensada pelas regias regulares. A agua não deve  
 ser muito fria, nem quente, e fornecida de preferencia  
 depois do sol posto.

A razão está na natureza das raizes. Como se sa-  
 be, a camelia e congelada como arbusto e desen-  
 volve grossas raizes que muito soffrem com a falta de  
 agua, o que não quer dizer que o excesso lhe não seja  
 prejudicial, porque o realmente. Fornecendo agua  
 aquella hora e mais facil que as raizes a aproveitem.  
 Essas condições refletem-se depois na floração. Se as  
 petalas das flores amarellecem rapido, e rapido se  
 desfolham, e signal de que houve excesso de agua; se a  
 floração e escassa e os bonos não chegam a abrir,  
 quer dizer que houve falta de agua. O certo é que não  
 raras vezes se ve debilitarem as japonicas, por uma  
 ou outra causa.

Cria de a revista a que alludimos que uma das  
 melhoras regras é a seguinte.

Tomam-se 3 libras ramicas de folhas cogadas, mi-  
 turam-se com 2 libras de estume liquido de latrinas,  
 agitam-se lles no litros de *padelle* e de certos animaes  
 secos e — assim está a tal idea — 3 litros de vi-  
 nho. Dilui-se tudo isto em 100 litros d'agua, deixando  
 cada dia a mistura em repouso. Depois com cuidado,  
 parcimoniosamente, regam-se com esse preparado as  
 japonicas enfraquecidas que, não o dividiram, read-  
 quirem pouco a pouco o seu vigor abalado.

Talvez que o vinho tenha, na composição aponta-  
 da, uma grande influencia, o que nos parece e que,  
 mesmoe sem elle, o banho aconselhado deve ser pro-  
 vido a fornecida planta que tão generosamente nos  
 oferece intereantissimas flores.

# CHRONIQUETA

Rio, 7 de Junho de 1900.

Tranquilisem-se as minhas formosas leitoras: não  
 lhes falarei do terrivel assumpto que neste momento  
 faz os gestos de todas as conversas nesta capital; não  
 escreverei aqui o nome da terrivel hospede, que nos  
 enche de horror e de inquietação, e ate hoje tem tido  
 a delicada attenção — se essa — de não matar nenhu-  
 ma pessoa do bello sexo.

O melhor e fazer como o cambio, que não se  
 importa com ella e continua a subir, dizendo com os  
 seus botões (se e que o cambio tem botões) que não  
 se lhe da da presença dessa importuna.

Falemos antes do Dr. Eduardo Chapot-Prevost,  
 que acaba de illustrar o seu nome e o seu paiz com  
 uma operação cirurgica dessas que ficam assignaladas  
 nos annos da sciencia medica: trata-se da separação  
 de duas crianças xiphopagas, Rosalina e Maria, se-  
 paração que outros medicos tinham julgado irreali-  
 zavel.

Uma dellas, a Maria, falleceu, mas nem por isso  
 a operação do Dr. Chapot-Prevost deixa de ser uma  
 victoria, e bem merece as muidosas manifestações que  
 de todas as classes tem recebido o illustre professor.  
 Mesmo sacrificando a vida de uma das xiphopagas,  
 o separal-as foi um acto de humanidade. Maria, mes-  
 mo sem a operação não poderia viver muito tempo, e  
 quando morresse, morreriam ambas, porque os ferros,  
 por mais diligentes que fossem, não chegariam nunca  
 a tempo de evitar a infecção.

Ante o coro de boavozes estendido ao Dr. Chapot-  
 Prevost, ja se percebem vagamente algumas vozes  
 dissonantes expectoradas pela inveja, que lhe não  
 perdoo a sua audacia e muito menos a sua fortuna.  
 Pois não se importe com isso o nosso glorioso com-  
 patriota, e espere serenamente pela consagração... do  
 estrangeiro.

Ao passo que um grande medico brasileiro nascia  
 para a gloria, outro morria para o mundo. A vida e  
 isto mesmo.

O imperado fallecimento do Dr. Silva Araujo  
 consternou a população inteira.

Quando elle não tivesse sido o medico notabilis-  
 simo que foi, quando não houvesse restituído a saude a  
 milhares de infelizes, bastaria, para eternisar o seu  
 nome, essa Policlínica Brasileira, que elle fundou  
 com os Drs. Moncorvo e Moura Brazil.

Falleceram tambem o conde de Souza Dantas,  
 filho do estadista bahiano, e o Dr. Raymond Capella,  
 nascido na India portugueza, ex consul de Portugal no  
 Maranhão e na Bahia, um dos homens mais illustra-  
 dos, uma das creturas mais originaes que tenho co-  
 nhecido.

ELOY, O HERÓI.

# THEATROS

Rio, 7 de Junho de 1900.

A companhia dramatica portugueza de que e em-  
 prezario o Sr. Luiz Pereira e de que são directores os  
 artistas João Gil e Alfredo Santos, tem representado,  
 com muito êxito do publico, as seguintes peças:  
 a *Bellefleur*, dos auctores allemães Moser e Schont-  
 tan; a *Le naufrage*, de Dumas filho, o *Primeiro marido*  
 de *Le roman*, de Valbague, e o *João*, de Felinto de  
 Almeida.

Para hoje esta annunciada a comedia os *Felhos*,  
 de João da Camara.

Os artistas são nossos conhecidos, a excepção  
 de Georgina Pinto e de Luiz Pinto, ambos talentosos,  
 sympathicos ambos.

No pessoal feminino figuram Carolina Falco,  
 Maria Falcão e Amelia Pereira, e no masculino Felino  
 Larcher, Antonio Pinheiro, Setta da Silva, Antunes,  
 etc. — artistas de reconhecido merito e dignos dos  
 nossos applausos.

O *Libbthecario* e o *Primeiro marido de Franca* são  
 comedias de quinquetos, sem outra pientensão que  
 não seja a de lazer tu, a *Estranjeria* sabem as nossas  
 leitoras o que e e o que vale; quanto ao *Bojo*, de  
 Felinto de Almeida, e uma interessante *bluette*, es-  
 cripta em magnificos alexandrinos.

Como os *Primeiros* não se aguentam em no palco  
 do Sant'Anna, a empreza Lucinda Simões lançou mão  
 da eterna *Lazarillo*, e para amanhã annunciata a *Soce-  
 dade onde a gente se aborrece*, a obra-prima de Pailleton.

No Recreio voltou a scena o *Paraso* com uma  
 nova distribuição de papeis.

**BRAZIL-PORTUGAL**  
 Intermediario Revista Quinquenal Illustrada

Numero extraordinario do 4º centenario da Descoberta do  
 Brazil, trazido innumerados dados e linhas gravuras em referencia  
 a este faustoso acontecimento.

Cada exemplar.....	10\$ 000
Pelo correio registrado.....	10\$ 500
Assignatura annual tanto para a Capital Federa- l como para o interior.....	45\$ 000

**CASA LOMBAERTS**  
 Intermediarios dos agentes do  
 Rio de Janeiro

**A. Lavignasse & C.**  
 7 Rua dos Ourives 7  
 RIO DE JANEIRO

Almanach, edição simples... 1\$ 500  
 Pelo correio, registrado... 1\$ 800  
 Almanach, edição colorida 2\$ 500  
 Pelo correio, registrado... 3\$ 000

Reconstituinte geral  
 do Systema nervoso,  
 Neurasthenia.

**NEUROSINE PRUNIER**  
 NEUROSINE-MARQUE NEUROSINE GRANULADA  
 NEUROSINE-CAPSULAS

Debitidade geral,  
 Anemia Phosphaturia,  
 Enxaquecas.

Deposito Geral:  
 CHASSANG & Co. Paris, 6, Avenue Victoria.

**Prisão do Ventre**

Agradavel  
 ao paladar  
 mesmo das  
 crianças.

LIQUIDO

1 a 2 colheres,  
 das de chá,  
 ao jantar  
 ou ao  
 ceia.

**ALFONSO ALEXANDRE**

HEMORRHAGIAS — HEMORRHOIDAS — VARIZES  
 PHEBITES — VARICOCELES — METRITES  
 FIBROMAS — CONGESTOES

Tonico e Sedativo  
 vascular.

Cura rapida  
 por

**HAMAMELINA ROYA**

Principio activo aromatico da Hamamelis Virginica  
 Especifico das Congestões, Dilatações, Inflammacões venosas.

Inocuidade absoluta  
 seja qual for a dose.

3 a 4 colheres,  
 das de sopa, por dia.

PHARMACIA LACHARTRE, 19, Rue des Mathurins, Paris.

**PHENOL-BOBCEU**  
 O MAIS ENERGIICO  
 e o menos perigoso dos antisepticos

PHENOL-BOBCEU PERFUMADO  
 Hygiene do Teucador

SAYÃO BOBCEU  
 Antiseptica da Pelle.

AGUA DENTIFRICIA BOBCEU  
 Antiseptia da Bocca.

# DEUS

(Continuação)

...vendo-te ensinado, filho meu, quaos são os nos-  
levers e obrigações a respeito de Deus, tratarei  
agora do que devemos ao nosso proximo, e depois  
fallaremos do que cada um de nos se deve a si mesmo  
para ser feliz e bemaventurado.

## OBRIGAÇÕES DO HOMEM PARA COM O PRONIMO

Compõe-se o corpo humano de varios membros ne-  
cessarios para a vida, os quaes, posto que destinados  
para diferentes funcções, tolos obram de concerto  
para a sua conservação. Por este mesmo modo cada  
homem deve olhar-se como membro de um corpo, que  
formamos em Jesus Christo e cada um deve olhar  
pela felicidade de todos, segundo os diferentes dons  
que recebeu do Ceu. (Epiíst. aos Rom. 12).

Eu direi pois a todos os homens: fazei que entre  
vós reine a beneficencia, a benignidade, e a miseri-  
cordia (Ep. aos Eph. 4). Tolerai os defeitos uns dos  
outros. Ep. aos Gal. 6. Vivei entre vós com humi-  
didade, atabilidade e paciencia, e sêde zelosos em  
conservar, por meio do vinculo da paz, a unidade do  
espirito, conforme a unidade da vossa esperanza.  
(Ep. aos Eph. 4). Amai-vos uns aos outros com  
ternura fraternal; sêde amigos sem artificio, nem  
engano: estai sempre dispostos a dar-vos mutuamente  
testemunhos de afeição e ainda de respeito; perdoai  
todas as offensas para imitar a Jesus Christo que as  
perdoou todas (Ep. aos Rom. 12).

Pelo que te ca a ti, filho meu, nunca faças ao teu  
proximo o que não quizeras que t'o fizessem a ti (Job. 1  
e faze com todos os homens o que quizeras que t'o  
fizessem a ti. (Mat. 7).

Não te deixes deslumbrar pela differença de estad-  
s e condições, ou de poder e riquezas. Se entra na  
tua casa um personagem ricamente vestido adornado  
de joias, e ao mesmo tempo entra o pobre, não digas  
ao rico — *sentado*, e ao pobre — *nao de pe*. Este modo  
diferente de julgar seria uma injusticia e uma  
infração da Lei; porque a preferencia que darias  
ao rico, seria um peccado contra a Caridade Christã,  
que nos manda amar a todos os nossos irmãos sem  
excepção de pessoas.

Lembra-te por outra parte, filho meu, que os pobres  
foram escolhidos, para serem os mais ricos em fé e  
virtude; que a elles principalmente está prometido o  
reino dos Ceus, e de que a maior parte dos ricos nos  
oprimem, e blasfemam o nome de Jesus-Christo.  
(Ep. S. Jacob. 2). Guarda-te pois de desprezar o  
pobre, se é justo, e de honrar o rico, se o não é.  
Que poderás honrar ao que se deshonra a si mesmo?  
(Ecles. 10).

Bemaventurado o homem, que se compadrece, e que  
empresta aos que necessitam... elle espalliu em  
liberalidade os seus bens sobre os pobres; a sua justi-  
ca permanece por todos os seculos; o seu poder será  
exaltado e cumulado de gloria. (Psal. 113).

Estai sempre dispostos a aliviar a miseria do pobre.  
Ecles. 35, porque te piedade delle te emprestar ao  
Senhor, e o Senhor nos paga com usura. (Prov. 19).

Di muito, se muito tens, e pouco, se tens pouco.  
(Jacob. 4). Deus não exige de nós, senão o que po-  
demos. A vontade de dar é aos seus olhos igual ao  
mesmo dom; e elle premiará com o mesmo galardão  
(Ep. aos Corint. 28). Sé misericordioso sempre que  
possas. (Jacob. 4). Supra a tua riqueza a pobreza dos  
outros; e estabelece entre vós uma especie de igual-  
dade. (Ep. aos Corint. 24). É certo que os Israelitas  
do deserto tinham t' dos a mesma quantidade de  
manã, ainda que uns recebessem mais do que outros  
(Exodo 16).

Se o teu irmão empobrecer, ou enfermar, socorre-  
re, e empresta-lhe sem interesse algum, não recebo-  
vendo mais do que lhe deste (Levit. 25).

O que é compassivo empresta ao seu proximo; ajun-  
dando-o, observaris a Lei. (Ecles. 29). Mas guarda-  
te, filho meu, de pedir no dia seguinte o que hajis  
emprestado no anterior; porque é acção muito odiosa  
e aborrecivel. (Ecles. 29). Se tu mesmo te vires na  
necessidade de pedir emprestado, cumpre com fidel-  
dade tuas promessas, e paga exactamente o que ten-  
has tomado. (Ecles. 29).

O pão destinado para o pobre, a vida do pobre,  
e aquelle que o toma para si, é um homem sanguina-  
rio; se usurpa, o que o pobre ganhou e em o suor de  
seu rosto, é semelhante ao homicida, assim como  
aquelle que não paga ao jornaleiro o seu salario.

Offerecer a Deus o que se defraudou ao pobre é o  
mesmo que immolar o filho na presença do paer.  
(Ecles. 34). Acode ao indigente se queres cumprir o  
preceito; e não o deixes ir com as mãos vazias em at-  
tenção a sua indigencia. (Ecles. 29). Não apartes  
do pobre a tua vista, não affixas o seu coração, e  
sobretudo não o obrigues a queixar-se, e a te amaldi-  
çoar por detrás; porque ser attendida a deprecação  
do que te amaldiçoou na amargura da sua alma. Deus,  
que criou o pobre, o ouviu. Antes pelo contrario,  
filho meu, movia-te a compaixão a sua miseria: res-  
ponde-lhe com doçura e bondade, dá-lhe o que lhe  
deves, e quando o deres, de nenhum modo mani-  
festes que o fazes contra vontade, e com tristeza, antes  
bem com o rosto risonho e agradável. (Ecles. 4 e 35).

O Senhor não fara excepção de pessoa contra o po-  
bre; elle attende a deprecação do offendido: Não  
desprezara os rogos do orfão, nem da viuva, se derramar  
a voz de gemido. Accaso não correm as lagrimas em hu  
viuva pelas faces abaixo, e não clama ella contra  
aquelle, que l'has fez derramar? Por que ellas do rosto

da viuva sobem ao ceu, e o Senhor, que a vê, e ouve,  
não mostrará de a vêr chorar. (Ecles. 25).

No tempo da colheita não mudes apanhar as es-  
pigas, que ficam espalhadas pelo campo: deixa-as para  
os pobres, e os estrangeiros; e igualmente deixa-lhe  
os cachos das uvas, que as mãos dos vindimadores  
hajam perdido. (Levit. 19).

Se encontras um boi ou uma ovelha, desgarrados,  
não continues o teu caminho com indifferença; condu-  
ze os á tua casa para os restituir ao seu dono; e faze  
o mesmo a respeito de qualquer outra cousa, que  
encontrares, e não a deixes perdida debaixo do pre-  
texto de que não é tua. Da mesma sorte se vires que  
o cavallo, o burro, o boi de teu proximo está cahido,  
não te desdentes de prestar-lhe auxilio, ajudando a  
levantar-o. (Deut. 22).

Guarda-te em extremo de impedir que outros exerci-  
tem a tua beneficencia quando podem, tu mesmo, filho  
meu, faze todo bem, que te seja possível e jámais digas  
a teu amigo — volta amanhã e te darei; não o faças  
padecer por tua causa tendo elle confiança em ti.  
Não faças processo contra qualquer homem sem mo-  
tivo, quando elle não te fez mal algum. (Prov. 3).

Não abandones o teu amigo, nem o amigo de ten-  
pac. (Prov. 27). Lembra-te delle quando chegares a  
ser rico. (Ecles. 3). Se o teu amigo tarda em pagar o  
dinheiro, que lhe emprestaste, não permittas que no  
teu coração a cobiça vença a amizade, não rompas  
o sagrado vinculo, que te prente a elle, nem o despre-  
zes. (Ecles. 7).

Se fizeres bem, sabe a quem o fazes, e o bem que  
fizeres, agrada-lhe muito. Faze o bem ao justo, e acha-  
rás uma grande recompensa; porque ainda quando  
delle o não recebas, vir-te-ha certamente da mão do  
Senhor. (Ecles. 12).

O amigo não se conhecerá nas prosperidades, e o  
inimigo não ficara encoberto nas adversidades. O  
inimigo tem as lagrimas nos seus olhos, mas se achar  
ocasião, não se fartará de sangue; e fingindo que te  
socorre, elle procurará fazer-te cair. (Idem).

Quando entres na casa de um impio, seja com  
animo de apartar o da sua impiedade.  
Aquelle que deixa a disciplina e a instrução, ex-  
perimentará indigencia, e ignorancia, mas o que se  
suscita a quem o reprehende, será gloriificado. (Pro-  
verb. 2 e 13).

Não insultes ao miseravel; porque Deus e o que  
nos eleva ou nos abate ao seu arbitrio. (Ecles. 7).

Não fallaris mal do surdo, nem porás tropeço deante  
do cego; mas temerás o Senhor teu Deus. — Não  
serás no teu povo, nem delator de crimes, nem mal-  
dizente secret. Não te porás contra o sangue de teu  
proximo? (Levit. 17).

Tens filhos? Ensina os bem e acostuma-os á sujeição  
desde a sua meninice. Tens filhas? Conserva a pureza  
dos seus corpos, e não mostres para ellas o teu rosto  
risonho. Casa a tua filha e tens feito um grande ne-  
gocio, e dá-a a um hom in de bom senso. Se tens mu-  
lher, que seja seguida do teu coração, não a largues  
e não te entregues a que é odiosa. De todo teu coração  
hymna a teu paer, e não te esqueças dos gemidos de  
tua mãe; lembra-te de que não terias nascido se  
não fora por intervenção d'elles; e faze por elles  
em recompensa aquillo mesmo que elles fizeram por ti.  
(Ecles. 7).

Tem o Senhor com toda tua alma, e venera os seus  
sacerdotes. Ama com todas tuas forças ao que te  
creou e não desapares a seus ministros. Da-lhes a  
tua parte das primicias e das victimas da expiação.  
Abre a tua mão para o pobre afim de que o teu sacri-  
ficio e a tua offerta sejam de tod' perfeitas. A libera-  
lidade é agradável a todo vivente, e não impoças que  
ella se estenda aos mortos. Não sejas proguicoso em  
visitar os enfermos; porque assim é que tu te fortifi-  
caras na caridade. Em todas as tuas obras lembra-te  
de teus novissimos, e nunca jámais peccarás. (Idem).

A ninguém condemnes antes de ouvi-lo, e se depois  
de havel-o examinado conheceres que está culpado, re-  
prehende-o com igual justiça e bondade (Ecles. 11).  
Faze-lhe conhecer a sua falta com doçura, e sê o seu  
protector. Com tudo livra-te de crer-te melhor do que  
elle; antes considera bem que tu mesmo podias ter  
cahido naquella falta. (Epiíst. aos Gal. 6).

Se acontece que algum dos teus irmãos te offendera,  
vã a buscar-o secretamente, olha pela sua honra, e  
reprehende-o sem estrepito; se elle te ouve, e toma  
o teu conselho, salvaras o teu irmão sem havel-o afrontado.  
(S. Mat. 18).

Não te cances nunca de fazer bem. Poge do des-  
obediante ao Evangelho; não tenhas commercio com  
elle, afim de que se envergonhe, todavia não o trates  
como inimigo, mas adverte-o como teu irmão. (Epiíst.  
2.ª aos Thessal. 3).

Não reveles com demasiada ligeireza as faltas com-  
mettidas na tua presença, para evitar que, vendo-se  
deshonrado o culpado, se faça incorrigivel e contumaz  
na maldade. (Prov. 9).

Aquelle que justifica ao impio, e aquelle que con-  
demnia o justo, ambos são abominaveis diante de Deus.  
O impio recebe presentes para perverter a justiça.  
(Idem 10).

O odio suscita rixas, e publicos os defeitos alheios,  
porém a caridade os cobre com espesso véo. (Prov. 10).

A caridade é paciente, suave, nunca invejosa, obra  
sempre como convém obrar; não conhece a soberba,  
a ambição, nem a cobiça; é desinteressada ainda nos  
negocios proprios; foge da aspereza, e arreda de si  
as suspensas; não se alegra do mal, que ve, compra-se  
com a verdade; tudo leva com paciencia, tudo crê  
com sinceridade, tudo espera com confiança, tudo  
sustem com fortaleza; e o seu reino nunca acabará.

Filho meu, ainda que tiveras recebido do céu o dom  
de linguas, a penetração de todos os mysterios, e a  
sciencia de todas as coisas, nada serias aos olhos de  
Deus, se te faltasse a caridade. (1.ª Ep. Cor. 13).

Não julgues ligeiramente ao teu prox-  
mo juizo precipitados são sempre signal de um cora-  
ção leviano. (Ecles. 19). Além disso o homem somente  
é capaz de julgar pelas apparencias, e Deus é o unico  
que pode sondar os corações e penetrar os pensamen-  
tos. (1.ª Ep. dos Rois 16).

Não publiques inconscientemente o que ouviste  
dizer, nem reveles nunca o que se intenta ter occulto.  
(Idem).

Nada faças, filho meu, que possa escandalisar o teu  
proximo, ou offender a sua delicadeza; porta-te sem-  
pre com espirito de caridade, e não se veja em ti coisa  
que possa ser occasião d'elle cair; antes bem pro-  
cure ra edificar-o em todas as tuas acções. (Ep. aos  
Rom. 14 e 15).

Não suscites disputas, porque n'ellas ha, pelo or-  
dinario, mais vaidade do que desejo de instruir-se.  
(Ecles. 10). Evita questões vãs e frivolos entretenimen-  
tos, que não podem servir para tua instrução; não  
alterques com pessoa alguma, sobre tudo com tena-  
cidade; expõe o teu parecer em reserva, e sustenta o  
com moderação; e em muita mitta suavidade e paciencia  
com aquelles com quem disputas, pois so assim os po-  
derás persuadir. (Ep. a Timot. 2); mas não te deixes  
vencer de uma gloria vã, nem tenhas inveja dos  
outros. (Ep. a Gal).

Alegre te com os que se alegrem, chora com os  
que choram. Abençoa aos que te perseguem e não os  
praguezes. Não tornes a ninguém mal por mal; se  
pode ser, quando estiver da tua parte, tende paz com  
todos os homens. Não te vingues a ti mes no; mas  
dá logar a ira; porque está escripto — a mim a vin-  
gança pertence, e eu retribuirei, diz o Senhor. (Ep.  
aos Rom. 13).

Reparte o teu paer e os teus vestidos com os neces-  
sitados. (Jacob 4).

Visita os que gemem debaixo do peso das enfermida-  
des, (Ecles. 7), e não te esqueças dos encarcerados  
que penam miseravelmente entre grilhões e cadeas.  
(Ep. aos Hebr. 13).

Occupem-te menos os interesses proprios do que os  
alheios. A tua caridade seja universal, e sem limites.  
Acolhe o estrangeiro que quizer viver comtigo, trata-  
como qualquer outro cidadão, e ama-o como te amas  
a ti mesmo. (Levit. 19).

Ama os teus inimigos, faze bem aos que te abor-  
recem. (S. Mat. 5) Bendize aos que te perseguem,  
roga pelos que te caluniam. (S. Mat. 5; Ep.  
aos Rom. 12). Jámais te lembres as injurias que te  
hajam feito. (Ecles. 10). Fazendo todas essas coisas  
serás filho do Pai Celestial.

Olha, filho meu, como a sua infinita bondade faz  
nascer o sol, e cahir a chuva e orvalho sobre o cam-  
po do peccador, assim como sobre o do justo. Se  
amas somente aos que te amam, que virtude é a tua?  
qual é o teu merecimento, e que premio podes espe-  
rar? tambem os gentios e pagãos amam aos que os  
amam; se tu fores humano, compassivo, e misERICOR-  
dioso somente com os teus irmãos, em que te avan-  
tajas sobre o pagão? Sé perfeito, filho meu, assim  
como é perfeito o teu Paer que está no Céu. (S. Mat. 5).  
Não pagues mal por mal, nem maldição por maldição,  
pelo contrario bendize aos que te perseguem. (Ep.  
1.ª de S. Pedro 3). Ditoso aquelle que sabe soffrer as  
injurias! Mais ditoso ainda o que paga bem por mal.  
Aquelle pois que paga mal por bem, faz-se muito cul-  
pado aos olhos de Deus. Filho, leva ao cabo as tuas  
obras com mansidão. Quanto maior és, humilha-te  
em todas as coisas, e acharás graça deante de Deus;  
por que só o poder de Deus é grande e elle é honrado  
pelos humilhes. (Ecles. 3).

Sobre tudo não sejas ingrato com aquelle de quem  
recebeste o ser; o que abandona seu paer, ou sua  
mãe, é infame e maldito de Deus, e ainda sempre em  
trevas. (Prov. 20). O que o faz entristecer, ou o lança  
fora da sua casa, e um filho desgraçado, se se cobre  
de ignominia e um paer sem honra deixará os filhos  
no opprobrio. (Ecles. 3 e 4).

Filho meu, honra a teu paer, que te deu a vida,  
e respeita a tua mãe que tanto soffreu, trazendo-te nas  
suas entranhas. (Jacob 4).

Ensina bem os teus filhos desde a meninice; elles  
farão as tuas delicias e a tua gloria; se são justos e  
entendidos, o seu nascimento será para ti um thezouro  
de alegria. (Ecles. 3). Não te eduques com intereza;  
porque o filho mal educado é a deshonra de seu paer;  
e aquelle que nunca corrige a seu filho, é abominavel.  
(Ecles. 20, Prov. 3). Manda-o seguir continuamente  
o caminho da justiça, dar esmola, ter sempre presente  
a Deus, e bendizê-lo sem cessar. (Jacob 14). Faze todo  
o possível para viver em paz com os homens, não te  
vingues de ninguém, não te defendas com demasiado  
culgo, se alguém te offender; pois está escripto — que  
a vingança está reservada somente a Deus. Filho meu,  
bem longe de te vingares, se teu inimigo te offender,  
dá-lhe de comer, e se tem sede, offerece-lhe  
com que a apague. Não te deixes levar do mal, que  
do mal, que te hajam feito; triumpho do mal contra  
o bem, não so aos olhos de Deus mas tam-  
dos homens, não por vaidade, mas para l' exemplo  
e porque deves envergonhar-te de que te hajam  
te veja obrar o bem. (Ep. aos Rom. 12).

Faze que os teus conhecimentos se tornem  
tossos ao proximo, os que estão escondidos no  
thezouro encerrado. Que utilidade se tira de ter  
outra coisa? (Ecles. 10).

Se indo ao templo a offerecer o sacrificio, não  
nhor te lembres de que tens offendido a tua honra  
ou que elle te injuriou, deixa o sacrificio, e  
cillar-te com elle, e não voltes ao altar para  
meio o hajas perdoado, ou lhe tenhas  
cção, ficando ambos em santa harmonia.  
(Mat. 5).

### Por causa de um titulo

Do *Imparal*, de Madrid, transcrevemos o seguinte interessante caso:

O tribunal superior de Madrid vae pronunciar-se sobre um recurso que importa uma questao de direito importante e que excita um grande interesse, por se tratar de pessoas parentes as mais proximas da familia real hespanhola, e cujo pae, o grand-duque e mais recentemente o tio, muito deram que falar de si.

A questao de direito e a seguinte: «E se o infante natural, legitimado pelo casamento subsequente de seu pae e sua mae, tem direito a herdar o titulo de nobreza de seu pae, ou se esse titulo pertence de direito ao primeiro infante legitimo nascido depois das nupcias?»

A jurisprudencia com tate da corte suprema de Hespanha foi ate aqui lavoravel ao infante natural legitimado pelo casamento subsequente de seus paves e mae bem entendido logo que esse infante se encontre nas condicoes de direito e de facto para permitir essa legitimacao. E' justamente esta consideracao que constitue o no gordio d'este intrincado processo. Passemos aos factos.

O principe Henrique de Bourbon, que foi muito em duelo pelo duque Montpensier durante a revolucao hespanhola de 1808-74, deixou tres filhos: o mais velho, dom Henrique de Bourbon, duque de Sevilha, e dois outros: um general de brigada e o outro general de divisao no exercito hespanhol. Este ultimo arvorou-se em pretendente a coroa de Franca e fez-se appellidar duque d'Anjou.

O duque de Sevilha, pae da pessoa que recorreu para a corte suprema de Madrid, deu tambem muito que falar ha annos. Tinha sido muito bem tratado pela rainha Izabel II e pelo rei Affonso XII que lhe estipulou uma renda e o admitiu, como seus irmaos, no exercito hespanhol, se bem que todos tres tivessem servido contra a Hespanha no exercito de dom Carlos, durante a guerra civil.

Depois da morte de Affonso XII, o duque de Sevilha, achando-se de guarda com um destacamento do seu regimento ao palacio real, permitiu-se, na sala dos officiaes, uma attitude e propositos hostis a soberana regente, Maria Christina, que lhe valeram algumas perseguições mais que justificaveis.

Ao fim de alguns tempos perdoou-se-lhe, e a propria regente contribuiu para que lhe fosse dado um posto nas ilhas Felipinas, visto que o duque se encontrava com sua mulher e seus tres filhos quasi na indigencia. Esteve pouco tempo em Manila, como cabisse doente, e autorizaram-no a regressar com a familia a Madrid. Embarcou no vapor *Montana*, e durante a travessia morreu.

Este duque tinha casado em 1838 com dona Josephina Parade, um pouco mais velha que elle. Pouco depois do casamento, a 8 de março de 1878, o duque e a duqueza de Sevilha fizeram baptizar, *sub conditione*, como manda o direito canonico em Hespanha, na igreja de Santo Andre, de Madrid, com autorizacao do cardeal Benevides, patriarcha das Indias e grande capellão do palacio, sendo celebrante o orador carlista Manterola, como seu filho legitimado por casamento subsequente, uma creanga de dez annos, que elles declararam ter nascido a 4 de Abril de 1868 e a qual fizeram dar os nomes de Maria Luiza Henriqueta—Josephina.

Depois do seu casamento tiveram doze filhos: dona Martha e dona Henriqueta. Não e um segredo que desde o nascimento de sua segunda filha, a duqueza de Sevilha inostrou preferencias sempre por esta filha, e por tal forma tão salientes, que a ex-pria regente sempre tão caridosa, chamou a si dona Josephina e collocou nas religiosas de Santa Isabel o fim de receber uma educacao muito esmerada. Na vida de seu pae, ella foi sempre tratada como sua filha. As cartas que elle ditiava em seu nome no processo, testemunham-no.

Em 1878 e a regente depois consideraram a filha legitimada do duque de Sevilha, e a duqueza de Sevilha, que ella pensou em se casar, pediu o uso, as cartas regiaes que o ministro da guerra lhe mandou a herdeira ou herdeiro de um

titulo de grandeza ou de nobreza, casar-se. Como seu pae não tivesse fillos e a falta d'estes os titulos recaem na mulher e podem ser herdados pelas filhas, foi ella autorizada a casar-se, em virtude de uma decisao que o manda dos vellos lei publicou na *Gazetta de Madrid*.

Por occasiao da morte do duque de Sevilha, o juiz de 1.ª instancia do districto da Latina, de Madrid, declarou a seus tres fillos herdeiros legitimos e, a 15 de junho de 1868, o ministro da justica autorizava a primogénita Maria Luiza, a uzar o titulo de duqueza de Sevilha.

A velha duqueza de Sevilha fez opposicao, n'esse momento, a decisao do ministro de justica, negando que dona Maria Luiza fosse filha do duque. Declarava mais que ella tinha obtido, por seu lado, do juiz de 1.ª instancia do districto de Pare, em Barcelona, uma sentença estabelecendo como herdeiros do duque de Sevilha suas duas filhas legitimas, dona Martha e dona Henriqueta.

Estava a jovem duqueza de posse do seu titulo ha 8 mezes, quando recebeu uma intimação para comparecer perante o juiz de 1.ª instancia do centro, em Madrid, afim de responder ao processo que lhe apresentava a velha duqueza, em nome de sua filha legitima dona Martha. A velha duqueza pedia finalmente ao tribunal que declarasse nullo o acto do baptismo de 8 de março de 1868, de Maria Luiza, bem como a decisao do juiz do districto de Latina que a tinha declarado herdeira dos titulos do duque de Sevilha.

Fundamentava a sua pretensao, declara do que dona Maria Luiza não era nem podia ser filha natural legitimada do duque de Sevilha, porque essa creanga não tinha nascido em Madrid a 4 de Abril de 1868, quer dizer, não somente n'uma epoca em que a duqueza velha não conhecia o duque de Sevilha, mais ainda porque n'esta epoca este podia ter quando muito 11 annos, Allega enfim, que dona Maria Luiza, nas cartas de 8 de março de 1868 e 18 de agosto de 1884, feitas ao processo, reconhecia perfeitamente a irregularidade da situacao legal e a impossibilidade, para ella, de succeder a seu pae, tanto que lhe supplicava que lhe deixasse ao menos o nome de Bourbon, porque do contrario recolher seria a um convento onde sempre choraria a sua infelicidade.

Apezar de tudo isso, o juiz do districto do Centro não se proviou ao recurso da velha duqueza, e d'igualmente de causa a jovem duqueza de Sevilha.

A velha duqueza appella para o tribunal superior, e este de-lhe o gnhoo de causa, declarando que «dona Martha era a unica que tinha o direito de uzar o titulo de seu pae; e que dona Maria Luiza não era sua filha, se bem que ella fosse filha da velha duqueza, segundo as suas proprias declaracoes o visto que a tinha trazido a Madrid para a fazer legitimar no caso em que ella não tivesse fillos do duque de Sevilha».

Foi um terrivel golpe para dona Martha e seu marido, um homem pertencente a uma familia respeitavel, que via o embaixador da Hespanha em Londres assistir ao seu casamento como representante da ex-rainha Izabel II. A sentença da corte de appellação tinha por fim estabelecer que dona Maria Luiza não tinha direito ao estado civil que havia de clarado quando se casou, com autorizacao de seus paves, e que devia recusar a autorizacao real publicada na *Gazetta de Madrid* em 1864. A jovem duqueza recorreu então para o supremo tribunal, que e quem vae diser a ultima palavra sobre esta serie de processos.

Do *Journal de Commercio* de P. Alegre.

### Mosaico

Vindo Socrates um dia para casa, encontrou sua mulher tão zangada que não se atreveu a entrar e sentou-se no limiar da porta. Isto augmentou-lhe a colera, e ella, pegando n'uma bacia com agua, deitou-lha em cima.

Riu d'isto quem viu, e Socrates ru tambem, dizendo:

— Logo vi, senhores, que tanta trovoadra não acabava sem eluva.

Eu avareto e pergunton ao medico

E verdade, doutor, que a febre alimenta?  
— Sim, alimenta.  
— Ah! se o doutor me arranjasse uma febrezinha para cada um dos meus criados... que pechuca!  
— Por que está zangada, Mama?  
— O' minha senhora, e por que a agua está fria.  
— Que agua, mulher?  
— A agua quente.

Um presidente dos Estados Unidos, a quem perguntaram que eram as armas de seu escudo ou os braços de sua casa, respondeu, recordando-se de que, quando rapaz, fora leñador.  
— Um par de mangas de canisa a roçagadas.

— Mamãe, todas as folhas das arvores são verdes-ladeiras?  
— Mas, de certo: é necessario que tu sejas estúpido, meu filho, para me dirigires semelhante pergunta.

— E' que tu usas tambem muitos cabellos falsos.  
— Entre dous padres.  
— Que dizes a esta? Apenas recebi 35.000 pelo meu sermão.

O outro:  
— Eu não pregaria semelhante sermão nem que me dessem um conto de reis.

No jury:  
— Accusado, e esta a primeira ou ja alguma vez foi preso por gatuno?

— En não sei, e V. S.?  
— Entre bohemios:  
— Os tempos estao bicudos... Empregue-me.

— O que fazes, então?  
— Vendo moveis.  
— E tens vendido muito?  
— Por enquanto... só os meus.

O nesso amigo B... e o mais perletto egoista que vive debaixo da calote celeste.

Pa' son ha dias pelo desgosto de perder sua esposa, e manifesta a sua dor com uma exuberancia que surprende deveras a quem o conhece e que se pergunta a si mesmo se elle não terá mudado de caracter.

Não tarda, porém, em comprehender tudo, quando ouve B. exclamar, entre soluços:  
— Não, não posso consolar-me. E' superior ás minhas forças. Quando penso que a não terei ao pé de mim para snavisar os meus ultimos momentos!

Entre bohemios:  
— Os tempos estao bicudos... Empregue-me.  
— O que fazes, então?  
— Vendo moveis.  
— E tens vendido muito?  
— Por enquanto... só os meus.

O nesso amigo B... e o mais perletto egoista que vive debaixo da calote celeste.

Pa' son ha dias pelo desgosto de perder sua esposa, e manifesta a sua dor com uma exuberancia que surprende deveras a quem o conhece e que se pergunta a si mesmo se elle não terá mudado de caracter.

Não tarda, porém, em comprehender tudo, quando ouve B. exclamar, entre soluços:  
— Não, não posso consolar-me. E' superior ás minhas forças. Quando penso que a não terei ao pé de mim para snavisar os meus ultimos momentos!

### MOLDES



Temos a satisfacao de communicar ás nossas gentis assignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso servico de moldes tanto d'l *Estacio*, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse servico, confiando o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes. Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas mestras no assumpto, ao qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o servico da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a frequencia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar lições de apuro e bom gosto, nem na maldicida de nossos preços.

Para o presente numero offercemos:

- N. 3—San em pregas... 1800
- N. 5—Bolero meio fechado... 1800

Os recados não recebidos no escriptorio desta folha, bem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais 500 reis para o primeiro e 100 reis de mais para os que se seguirem.

Non bis in idem.